

**REPRESENTAÇÕES  
DISCURSIVAS NA  
(RE)CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADES DOS  
REMANESCENTES  
QUILOMBOLAS DE  
PORTALEGRE DO BRASIL**

*DISCURSIVE REPRESENTATIONS  
IN THE (RE)CONSTRUCTION OF  
IDENTITIES OF THE QUILOMBOLA  
REMNANTS OF PORTALEGRE DO  
BRASIL*

**Josinaldo Pereira de Paula**

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista FAPERN. Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-4084-0605>. E-mail: [prof.josinaldopp@gmail.com](mailto:prof.josinaldopp@gmail.com)

**Maria Eliete de Queiroz**

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora doutora do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UERN. Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2369-6093>. E-mail: [eliete\\_queiroz@yahoo.com.br](mailto:eliete_queiroz@yahoo.com.br)

**Resumo:** O trabalho investiga representações discursivas (Rd) na (re)construção da identidade de remanescentes quilombolas de Portalegre/RN em dois *corpora*: *e-book* "A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil" Souza, Mendes e Fonseca (2011), obra de transcrição de eventos reais de comunicação, no ano de 2000 e o documentário "Solo Negro" produzido pela Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), no ano de 2021. Temos o referencial teórico da Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta por Adam (2011) e estudiosos como Passeggi *et al.* (2010), e Rodrigues *et al.* (2012). Recortamos trechos do *e-book* e do documentário que ilustram nossas análises da Rd na (re)construção das identidades dos quilombolas de Portalegre/RN. Nas análises do *e-book*, concluímos que os sujeitos tentam apagar a identidade de remanescentes quilombolas dos seus discursos, pois sentem medo de ainda serem caçados e colocados novamente em regime de escravidão. Nas análises dos trechos do documentário "Solo negro" observamos uma resignificação do ser negro e quilombola com orgulho e valor, que buscam ser assistido por políticas públicas e ocupar espaços sociais.

**Palavras-chave:** Representação discursiva. Identidade. Análise Textual dos Discursos. Remanescentes Quilombolas.

**Abstract:** This work investigates the discursive representations (DR) in the (re)construction of the identity of quilombola remnants of Portalegre/RN in two corpora: the *e-book* "The Speech of Quilombola Remnants of Portalegre from Brazil" Souza, Mendes and Fonseca (2011), a work of transcription of real communication events, in 2000 and the documentary "Solo Negro" produced by the Federal Rural University of the Semi-Arid (UFERSA), in 2021. We have the theoretical reference of the Textual Analysis of Discourses (TAD), proposed by Adam (2011) and scholars such as Passeggi *et al.* (2010), and Rodrigues *et al.* (2012). We cut excerpts from the *e-book* and the documentary that illustrate our analyses of DR in the (re)construction of the identities of the quilombolas of Portalegre/RN. In the analysis of the *e-book*, we concluded that the subjects try to erase the identity of quilombola remnants from their discourse, because they are afraid of being hunted down and put back into slavery. In the analysis of the excerpts from the documentary "Solo

---

negro" we observed a re-signification of being black and quilombola with pride and value, who seek to be assisted by public policies and occupy social spaces.

**Keywords:** Discursive representation. Identity. Textual Analysis of Discourse. Quilombola remnants.

## INTRODUÇÃO

A identidade é algo que nos interpela nos reconstitui. Essa formação ocorre devido ao contexto histórico social, no qual estamos inseridos, pois somos influenciados e, assim, (re)construímos as nossas identidades.

O objetivo nesse texto é apresentar algumas representações discursivas funcionando na (re)construção das identidades dos sujeitos descendentes quilombolas que residem em quatro comunidades rurais da cidade de Portalegre/RN, nomeadas como, Pêga, Arrojado, Sobrado e Lages. No período da escravidão, essas localizações foram Quilombos, nos quais os escravos fugidos se reuniam e de lá faziam resistência ao regime escravocrata da época.

A análise das representações discursivas como contribuição para a construção destes traços das identidades no discurso desses sujeitos foi feita usando dois *corpora*. Primeiro, analisamos o *e-book* "A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil", organizado por Souza, Mendes e Fonseca<sup>1</sup>. Nesta obra, são transcritos seis inquéritos de fala em eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores das comunidades quilombolas de Portalegre/RN no ano de 2000, transcritos nos anos de 2001, 2006 e publicado em 2011. Segundo os autores "Com a implantação das novas políticas sociais dos governos federal e estadual, notadamente a partir de 1998, uma nova realidade se apresenta no que se refere às comunidades"<sup>2</sup>. Assim, o Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (NELLP), do Departamento de Letras, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) perceberam a necessidade de registrar as falas desses sujeitos antes de serem modificadas devido ao contato com falantes de outras variantes.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Medianeira; MENDES, Wellington Vieira; FONSECA, Carlos Magno Viana. *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*. Mossoró: Edições UERN, 2011.

<sup>2</sup> SOUZA; MENDES; FONSECA, 2011, p. 07.

Em seguida, analisamos trechos e imagens do documentário “Solo Negro”<sup>3</sup> produzido pela Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), no ano de 2021, pois ao analisarmos o *e-book* com falas do ano de 2000, nos questionamos: quais representações discursivas são construídas por esses sujeitos vinte e um anos depois e quais identidades essas representações discursivas revelam desse sujeito? Para resolvermos essa questão, nos direcionamos a este documentário constituído por falas dos remanescentes quilombolas que retratam o percurso de vida deles desde seus antepassados, suas infâncias e juventudes, chegando até os dias atuais. Nesse sentido, o documentário é dividido em sete partes nomeadas em: cicatrizes de negro; amargo preconceito; trabalho de preto; cultura e fé; caminho lento; novo destino; sou negro, sim. Para esse artigo, analisaremos algumas falas da última parte do documentário com o título “Sou negro, sim”.

Portanto, estes *corpora* escolhidos são o resultado de duas pesquisas realizadas pelo NELLP, do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN e o documentário produzido pela equipe da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido está cadastrado como um produto de extensão na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC).

Nesse sentido, nossa pesquisa é de caráter descritivo, qualitativa e documental. Analisamos documentos e selecionamos trechos ilustrativos das nossas análises, colocamos no corpo do artigo e realizamos as descrições e interpretações das representações discursivas em função da construção das identidades dos sujeitos por meio dos elementos linguísticos discursivos. Para esse fim, temos como referencial teórico os conceitos de representações discursivas da teoria Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta por Adam<sup>4</sup> e estudiosos como Passeggi *et al.*<sup>5</sup>,

---

<sup>3</sup> SOLO Negro. Direção de Passos Júnior. 1 vídeo (28 min). Mossoró: Assessoria de Comunicação da UFERSA. 2021.

<sup>4</sup> ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>5</sup> PASSEGGI, Luis *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, Marli Quadros; BENTES, Anna Christina (org.). *Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

---

e Rodrigues *et al*<sup>6</sup>. Com base nessa abordagem, observamos que o nível textual está situado no nível discursivo e que os significados de toda manifestação textual acontecem co(n)textualmente. As categorias que se sobressaíram nas nossas análises da Rd foram as da Referenciação, Predicação, localização e modificação.

Para Adam<sup>7</sup>, o interpretante é quem (re)constrói o contexto, tendo como base seus conhecimentos enciclopédicos e de mundo. Nesse sentido, a partir desse conceito do autor, também, nas nossas análises, faremos menção a dois decretos, o decreto no- 4.887, de 20 de novembro de 2003 e o decreto nº 11.447, de 21 de março de 2023, publicados no Diário Oficial da União (D.O.U) que contribuirá com interpretações nas nossas análises. Assim, consideramos que a pesquisa segue o método misto ou dialético, uma vez que durante a sua realização fizemos o percurso teoria-*corpus*-teoria, pois os decretos foram fatos importantes que sugeriram e necessitaram da nossa atenção, com o objetivo de explicar descobertas da pesquisa e enriquecer às análises.

Nosso trabalho está dividido em três partes, além da introdução, temos a discussão sobre conceitos de análise textual dos discursos, representações discursivas e alguns apontamentos em relação aos conceitos de identidade no campo discursivo. Em seguida, temos a análise dos dados que tratam sobre as Rd como traços de (re)construção das identidades dos remanescentes quilombolas de Portalegre RN. Por fim, apresentamos as conclusões, em que retomamos objetivos e apontamos resultados e conclusões da pesquisa.

## **ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS (ATD) E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS (RD)**

A ATD, segundo Passeggi *et al*<sup>8</sup> é um campo teórico-metodológico que articula a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD). De acordo com Adam<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> RODRIGUES, Maria das Graças S.; SILVA NETO, João Gomes da; PASSEGGI, Luis (org.). "Voltarei. O povo me absolverá...": a construção de um discurso político de renúncia. *In*: ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute; MAINGUENEAU, Dominique. *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.

<sup>7</sup> ADAM, 2011.

<sup>8</sup> PASSEGGI *et al.*, 2010.

<sup>9</sup> ADAM, 2011, p. 23.

a gênese da ATD está na LT e com a perspectiva teórico-metodológica na Análise do discurso (AD) que, assim, constitui-se “uma teoria de produção co(n)textual de sentido que deve fundar-se na análise de textos concretos”. Adam<sup>10</sup> deixa claro que “a LT não é a ciência integrativa do discurso e das interações. Definidas como um campo interdisciplinar. [...] A LT é então, um subdomínio da Análise do Discurso (AD) e da Análise da Conversação (AC), e seu papel consiste em fornecer uma teoria consistente da textualidade e dos procedimentos de análise dos textos. A LT é uma teoria da textualidade que fornece a AD e a AC procedimentos de análises necessários para que texto e discurso se correlacionem e se complementem no processo de interação dos sujeitos. Adam<sup>11</sup> é categórico ao mostrar que a LT, AD e AC são teorias distintas, cada uma fornece à outra os procedimentos necessários para desenvolver uma teoria geral que o autor à chama de teoria do conjunto, pois é interdisciplinar e intradisciplinar, para, assim, buscar subsídios com o objetivo de melhor compreensão do texto nas suas múltiplas facetas sociais. Para fundamentar esse ponto de vista, Adam<sup>12</sup> afirma que “desde que haja texto, isto é, o reconhecimento de que um conjunto de enunciados forma todo comunicativo, há o efeito de genericidade, quer dizer, a inserção desse conjunto de enunciados em uma categoria de discurso”.

Nesse sentido, a complementariedade ocorre na LT com o texto, não apenas com o agendamento dos enunciados, mas nas suas múltiplas práticas discursivas, organizado pelos gêneros discursivos, pois no momento que se tem um texto, conseqüentemente, há um gênero, ligado a uma formação sócio-histórica discursiva. Observamos a textualidade interagindo com a discursividade, ou seja, a LT encontrando a AD. Ainda de acordo com Adam<sup>13</sup>:

à problemática do todo textual é da emergência de um ‘sentido expresso e compreendido’ que, sendo maior do que a soma das partes constituintes do texto (palavras, frases) exige, por conta disso, uma formulação mais complexa, capaz de levar em conta a dimensão textual dos fenômenos textuais (atos de discurso, e gêneros do discurso, contexto das práticas

---

<sup>10</sup> ADAM, Jean-Michel. O que é Linguística Textual? Trad. Suzana Leite Cortez. In: SOUZA, Edson Rosa F. de; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). *Linguística Textual interfaces e delimitações*: homenagem a Ingedore Grunfeld Vilaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 47.

<sup>11</sup> ADAM, 2017, p. 47.

<sup>12</sup> ADAM, 2017, p. 47.

<sup>13</sup> ADAM, 2017, p. 41.

---

sociodiscursivas e de interação) é por essa razão que eu me dedico a elaboração de uma LT aberta à discursividade, que eu chamo de ‘Análise textual dos discursos’.

Estudar o texto de uma forma que possa ir além do conteúdo escrito e também de suas partes constituintes, é observar toda a sua complexidade nas mais diversas práticas discursivas. O autor ~~bem~~ coloca que são estudos em um sentido maior, ou seja, verificando que a interação nos diversos âmbitos sociais é definitiva para compreender o texto em toda a sua complexidade. Para tanto, uma LT que busque no texto apenas conteúdo linguístico e partes constituintes não é suficiente, mas uma LT aberta à discursividade é o objetivo de Adam<sup>14</sup> para, assim, alcançar o objetivo de alargar o seu conceito de texto como práticas discursiva e, desse modo, estudar os vários gêneros discursivos que emergem na sociedade contemporânea.

Podemos ver em Saussure<sup>15</sup>, mostrando como uma frase já pode ser considerada um nível discursivo; “a frase só existe na fala na língua discursiva enquanto a palavra é uma unidade que vive fora de todo discurso no tesouro mental”. Ainda sobre a relação entre texto e discurso, Queiroz<sup>16</sup> afirma que:

A ATD é uma área de perspectiva teórica, metodológica, descritiva e interpretativista que concebe ‘o texto e o discurso em novas categorias’ que se complementam e são condicionadas mutuamente. Assim sendo, podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na LT, mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso.

Com a autora, entendemos que a ATD tem a sua base na LT, buscando os seus conceitos de texto enquanto interação, associados aos estudos da textualidade, sequências, enunciado, entre outros, mas com uma perspectiva metodológica situada na AD. As análises em ATD buscam os sentidos discursivos dos textos por meio dos conceitos já estabelecidos pela AD, ou seja, os sentidos são construídos pelo cotexto e pelo contexto. Em suma, Adam<sup>17</sup> afirma que a ATD tem como objetivo:

---

<sup>14</sup> ADAM, 2017.

<sup>15</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. *Ecrits de linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 2002. p. 117.

<sup>16</sup> QUEIROZ, Maria Eliete de. *Representações discursivas no discurso político: “Não me fiz sigla e legenda por acaso”*: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães (30/05/2001). 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. p. 22.

<sup>17</sup> ADAM, 2011, p. 63.

teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto [...] concerne tanto à descrição e à definição das diferentes unidades com às operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizadas sobre os enunciados.

Na colocação do autor, entendemos que a ATD, por meio da descrição das unidades e o encadeamento dos enunciados, forma um determinado discurso em um determinado contexto sociocultural, ou seja, é uma cooperação contínua dos aspectos textuais com os discursivos, buscando um objetivo específico na interação entre os sujeitos.

Nesta rede de informações, o texto e o discurso se completam, uma vez que não é possível a existência de um sem o outro, ou seja, do texto emana o discurso, esse discurso leva em conta o produtor, a formação discursiva, o lugar e o tempo em que se pronuncia/escreve e se inscreve o discurso, como também os objetivos do locutor, no momento em que o constrói. No mesmo sentido, não há discurso se não estiver inserido em um texto, com todas as escolhas linguísticas feitas por este locutor para, assim, alcançar o objetivo pretendido.

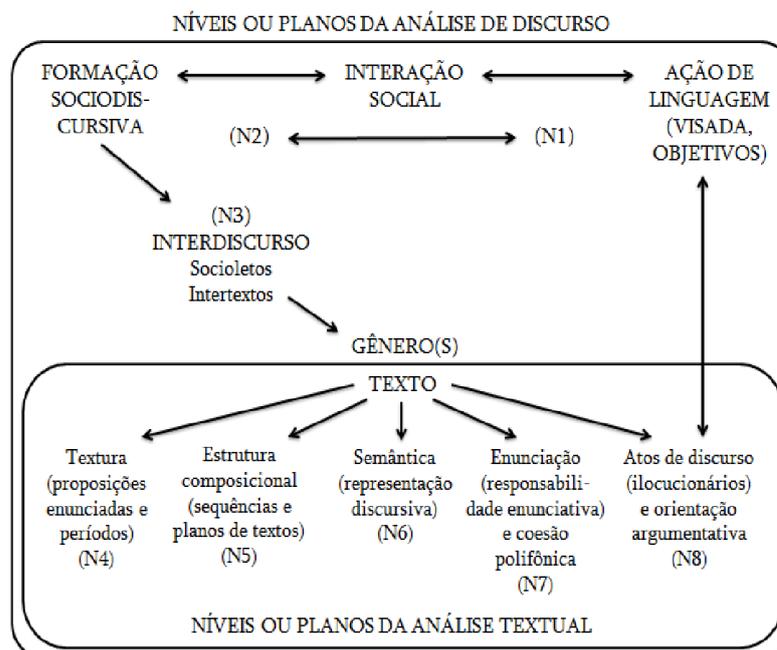
Para Adam<sup>18</sup>, a AD se preocupa com a funcionalidade do texto enquanto discurso. A partir do conteúdo linguístico, surgem as construções dos efeitos de sentidos formados pelo texto. O discurso segue toda a influência da formação discursiva em que o locutor se encontra, a formação discursiva regula as construções linguísticas e o gênero textual é usado para um determinado objetivo durante a interação com um interlocutor. Assim, por meio da LT, os aspectos discursivos são formados a partir do aparato linguístico, ou seja, o encadeamento das sequências, dos períodos (nível microtextual) até o nível maior (nível macrotextual), que está relacionado à progressão temática, bem como à coerência global do texto.

Para esse entendimento cíclico entre o texto e o discurso, Adam<sup>19</sup> apresentou o esquema 4 da sua obra “Introdução a Análise Textual dos Discursos”, em que mostra os níveis de análise de discurso e esta relação entre o texto e o discurso e, assim, propõe as categorias de análise para a ATD.

---

<sup>18</sup> ADAM, 2011.

<sup>19</sup> ADAM, 2011, p. 61.

**Esquema 04** – Níveis da análise do texto e do discurso.

Fonte: ADAM, 2011, p. 61.

No esquema 04, visualizamos um quadro maior que está relacionado aos planos da análise do discurso e, dentro deste, o que se refere aos níveis ou planos de análises do texto. No processo de construção dos enunciados o plano do discurso direciona o locutor para os níveis do texto. No processo de interpretação de dados, entendemos que os níveis do texto direcionam o locutor para um nível maior: o discurso. Por esse motivo que Adam<sup>20</sup> propõe que a LT está em um lugar de subdomínio das práticas discursivas. Observamos ainda um jogo de setas com pontas duplas que nos leva a entender essa ideia circular de relação entre o texto e o discurso. Dessa forma, o autor nomeia os níveis ou planos da análise de discurso.

Nesse sentido, o autor coloca em níveis os planos da análise do discurso e do texto. No (N1) e (N2), estão inseridas a ação de linguagem (visada, objetivos), ou seja, o momento que o locutor usa a linguagem para formar um discurso, oral, escrito, verbal ou não verbal, e a interação social, uma vez que o discurso, para alcançar seu objetivo, precisa estar em interação com o outro em uma formação discursiva.

<sup>20</sup> ADAM, 2011.

Nesse sentido, chegamos aos planos de análise textual que Adam<sup>21</sup> os coloca em cinco níveis de análises. Nesses níveis, é possível verificar a composição do texto apresentado pela Linguística Textual e que a ATD utiliza para realizar suas análises. Assim, observamos (N4) com a textura (proposições, enunciados e períodos); (N5) a estrutura composicional (sequências e planos de textos); (N6) se trata da semântica (representações discursivas); (N7) com a enunciação (responsabilidade enunciativa e coesão polifônica); e (N8) com os atos de discursos (ilocucionários) e orientação argumentativa.

Desse modo, este trabalho aborda o nível 6 com a representação discursiva. No entanto, todos os níveis de análises, tanto do texto, quanto do discurso são interligados e se complementam; por exemplo, as nossas análises das Rd o produtor leva para o nível da Orientação argumentativa, que são os usos das proposições-enunciados na intenção de convencer seu interlocutor e realizar a defesa de um ponto de vista.

Em relação as Rd, Adam<sup>22</sup>, parte dos conceitos de Grize<sup>23</sup> que trata de uma lógica natural, na qual estão inseridos um locutor e um alocutário, que juntos (re)constroem o discurso, pois, para o autor, o alocutário tem acesso apenas a uma parte do texto do locutor, tendo como função reconstruir as esquematizações/representações.

Nesse sentido, para Adam<sup>24</sup> a Rd é a imagem que o locutor faz durante um discurso para um alocutário com uma finalidade específica, ou seja, passar uma moral, uma ética, convencer sobre determinado assunto ou persuadir seu alocutário a fazer algo. Adam<sup>25</sup> coloca que “a pessoa do orador com sua função (lugar) e o(s) papel(éis) que assume(m), com seus fins próprios, seus pré-construídos culturais e representações da situação de enunciação, do objeto do discurso, de seu auditório e as representações psicossociais de si mesmo”. Assim, a Rd de si se refere a um locutor que, com todos os seus pré-construtos sociais, culturais, morais, éticos e

---

<sup>21</sup> ADAM, 2011.

<sup>22</sup> ADAM, 2011.

<sup>23</sup> GRIZE, Jean-Blaise. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

<sup>24</sup> ADAM, 2011.

<sup>25</sup> ADAM, 2011, p. 107.

---

religiosos, a partir de proposições-enunciados pré-selecionados de forma co(n)textual, representa-se em determinada situação de interação para alcançar seus fins próprios, que podem ser convencer, fazer humor, sensibilizar, entre outros, levando em conta que toda a construção da Rd de si pode estar ligada ao seu caráter ou não. Adam<sup>26</sup> informa que fica para o interpretante (re)construir as Rd apresentadas no discurso pelo enunciador, pois esse, também, se utiliza de seus conhecimentos culturais, sociais, crenças e etc., para ser convencido ou não pelas imagens de si apresentadas pelo enunciador.

A Rd do alocutário trata da imagem que o locutor A constrói de uma terceira pessoa durante o seu discurso com o alocutário B, também por meio de proposições-enunciados. Essa terceira pessoa pode, em algum momento, assumir o lugar de B e reconstruir o discurso formado, respondendo com uma reafirmação da Rd que o locutor construiu, ou tentando desconstruí-la, dependendo da construída pelo locutor A em determinada situação sociodiscursiva. Isso pode ocorrer quando um sujeito faz elogios a alguém, e, em certo momento, recebe agradecimentos que reafirmam aquilo que foi dito. O segundo caso pode ser quando alguém busca ferir a imagem do outro, por exemplo, com acusações e difamações, sendo que este precise provar o contrário, a partir do seu discurso, com a intenção de desconstruir aquela imagem construída pelo locutor A.

Para Passeggi<sup>27</sup> “as imagens do tema tratado constituem o conteúdo manifesto da esquematização e remetem diretamente às operações lógico-discursivas de sua construção”. Essas imagens são consideradas elementos lógicos discursivos que se encontram na materialidade do texto por elementos linguístico-discursivos. Para Queiroz<sup>28</sup> Essas Rd são interpretadas por um locutor a partir de estruturas sintáticas, semânticas e discursivas em blocos de enunciados e reinterpretadas por um interlocutor do texto que podem serem validadas como verdadeiras. Nos estudos da ATD, as Rd são construídas e analisadas por meio de

---

<sup>26</sup> ADAM, 2011.

<sup>27</sup> PASSEGGI, Luis. A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. *In*: PASSEGGI, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro (org.). *Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001. p. 249.

<sup>28</sup> QUEIROZ, 2013.

categorias semânticas de análises propostas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto<sup>29</sup> e reformuladas por Queiroz<sup>30</sup>. Apresentamos a seguir as categorias propostas pelos autores supracitados.

SÍNTESE DAS OPERAÇÕES SEMÂNTICAS DAS RD (QUEIROZ, 2013).

Categorias semânticas (Queiroz, 2013)	SÍNTESE
<b>Referenciação</b>	A designação dos referentes (coisas, objetos, sujeitos de ações, processos), ou seja, aquela que nomeia os participantes do processo da ação verbal.
<b>Predicação</b>	Essa categoria semântica segue, na nossa investigação, a definição de Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 175), que dizem: “remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos, no sentido amplo (ações, estados, mudanças de estado etc.), como ao estabelecimento da relação predicativa no enunciado”.
<b>Modificação</b>	Definimos a modificação como aquela que apresenta as propriedades ou qualidades tanto dos referentes como das predicções, por isso ela pode ser subdividida em modificação da referenciação e modificação da predicação. Está ligada tanto ao sujeito, por meio de adjetivos e/ou expressões adjetivas, quanto às ações verbais dos predicados, por meio das circunstâncias adverbiais.
<b>Comparação</b>	É uma ramificação da operação de <i>relação</i> advinda de Adam (2008). Estabelece relações de sentido por meio do processo de comparação. É reconhecida no texto por meio de elementos linguístico-discursivos que demarcam a comparação entre objetos, que pode ser feita por meio de pares textuais: <b>como, tanto... quanto...</b> , ou de metáforas.
<b>Conexão</b>	A conexão proporciona a relação semântica entre um enunciado anterior e um posterior, de modo a formar a coesão do texto, a juntar os enunciados para construir as representações de sentido existentes neles.

<sup>29</sup> RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA-NETO, 2010.

<sup>30</sup> QUEIROZ, 2013.

<b>Localização</b>	É a categoria por meio da qual identificamos no texto os espaços físicos e o tempo. Subdivide-se em localização espacial e temporal.
--------------------	--

**Fonte:** QUEIROZ, 2013.

Em relação ao conceito de identidade, temos como filiação teórica os estudos da Análise do discurso (AD) que a compreende como algo que está fora do sujeito e o influencia a formar um modo de vida, crenças, costumes e comportamentos. Desse modo, não podemos nos fixar na ideia de apenas uma identidade para cada sujeito, pois estamos inseridos em diversos contextos sociais diferentes. Nesta perspectiva, para Mattelart<sup>31</sup> “A experiência do si é mais fragmentada, marcada pela incompletude, composta de múltiplos si, de múltiplas identidades ligadas aos diferentes mundos sociais em que nos situemos” Com o autor, compreendemos que dependendo dos meios sociais em que convivemos somos formados por múltiplas identidades, uma vez que sempre estaremos sujeitos a nos inserirmos em diferentes contextos e sermos influenciado por uma nova forma de pensar, viver, se comportar. Essa forma de estarmos sempre acessíveis a novas influências dos meios são nomeadas por Pêcheux<sup>32</sup> como “um ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo”. Essa incompletude citada pelo autor segue o sujeito por toda a vida, e este ser nunca será velho demais para ser interpelado por outra identidade referente a outro lugar sociocultural, ou reconstruir uma identidade que tem tido outra visão sobre o contexto social que está inserido.

A identidade, em muitos casos é uma forma, na qual o sujeito busca dar sentido ao meio em que está inserido. É nesse sentido que Foucault<sup>33</sup> afirma:

Os indivíduos, em sua vida cotidiana, não são apenas essas máquinas passivas para obedecer a aparelhos, registrar mensagens e reagir às estimulações exteriores, em que os quis transformar uma psicologia social

<sup>31</sup> MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. Introdução aos estudos culturais. In: PASSEGGI, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro (org.). *Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001. p. 104.

<sup>32</sup> PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-251. p. 265.

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 230.

sumária, reduzida a recolher opiniões e imagens. Pelo contrário, eles [os sujeitos] possuem o frescor da imaginação e o desejo de dar sentido à sociedade e ao universo que pertencem.

Dessa forma, em muitos dos casos, a identidade dos sujeitos são o resultado de uma tentativa de explicar o contexto social em que está inserido. No entanto, ao mudar o contexto e com a chegada de informações de valorização histórica e social das comunidades e dos sujeitos, essas identidades podem ser reconstruídas na subjetividade desses sujeitos, ou seja, inicia-se outro sentido dado por eles a sociedade em que vivem. A busca por mudança no contexto social e a ascensão em determinada área social faz a identidade ter uma estreita relação com a ideia de poder. Isso é o que nos afirma Silva<sup>34</sup> quando coloca que:

Na disputa pela identidade está envolvida uma mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação pela identidade e enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado a bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita relação com o poder.

Assim, a identidade de um sujeito é influenciada pelo meio para, através dele, conseguir um determinado poder social ou material. Esse meio pode ser modificado e as suas subjetividades também, essas influenciam e ressignificam as identidades dos sujeitos postos àquele novo contexto. Nesse viés, Woodward<sup>35</sup> apresenta a subjetividade de forma envolvente dos “nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.

Nos nossos *corpora* identificamos como esse anseio de sair de uma situação social faz com que esse grupo de sujeitos use sua imaginação e subjetividades propostas pelo contexto. Nesse sentido, observamos uma mudança de conjuntura que muda a percepção de mundo desses sujeitos e, assim, reconstróem suas identidades. Entenderemos mais sobre essa mudança de contexto social e, assim, das

---

<sup>34</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 81.

<sup>35</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. p. 55.

(re)construções identidades com os exemplos retirados dos *corpora* e as nossas respectivas reflexões que começaremos a seguir.

## **(RE)SIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE DO BRASIL**

Nossas análises seguem o entendimento que o meio influencia a (re)construção das identidades dos sujeitos discursivos. Seguimos a seguinte sequência analítica: primeiro analisamos as identidades construídas em trechos do *e-book* organizado Souza, Mendes e Fonseca<sup>36</sup>. Apresentaremos aspectos que apontam a identidade de descendente de ex-escravos quilombolas. Em seguida, analisamos trechos do documentário “Solo negro”, produzido pela UFERSA, mostrando falas dos remanescentes quilombolas no ano de 2021.

No trecho deste diálogo no *e-book*, apresentamos quais Rd contribuem na construção de identidade desses descendentes de escravos, especificamente, quilombolas e como eles se relacionam com o seu passado de descendentes de escravos fugidos que se refugiaram na região que surgiu essa comunidade onde até os dias de hoje prevalecem.

Nesse caso, dividimos em dois trechos, um com o diálogo entre entrevistador com uma mulher de cinquenta e seis anos, e o outro entre o entrevistado e um homem de sessenta e um anos, ambos em entrevistas diferentes em momentos e lugares distintos.

Vamos ao nosso penúltimo exemplo do *e-book*:

E: [...] ali no Pega... ali no Pega... talvez você nem saiba... mas ali no Pega já teve escravo assim no tempo da escravidão? Ali o povo...

M56-01: **Num sei dizê não...o povo as vês me procurava e eu num sabia disso...**

**Fonte:** SOUZA; MENDES; FONSECA, 2011, p. 16, grifos nossos.

Nesse primeiro diálogo, o entrevistador questiona a senhora sobre a possibilidade de no período da escravidão ter tido escravos no Pêga, que é a comunidade onde a senhora mora. Nessa proposições-enunciados, há construções

<sup>36</sup> SOUZA; MENDES; FONSECA, 2011.

textuais significativas a serem analisadas, por exemplo, as reticências mostrando que o entrevistador teve sua fala interrompida pela senhora com uma afirmação significativa: “**Num sei dizê não...**”. Aqui temos a categoria da predicação com advérbios e locuções verbais, mostrando uma construção semântica de fuga do assunto, pois a interrupção para dizer que não sabe é um convite da senhora ao entrevistador mudar de assunto, a repetição do termo “não” duas vezes reforça esse sentido.

A mulher afirma não saber desse fato e que o povo procura, mas ela diz não ter essas informações. No entanto, no exemplo a seguir podemos entender o porquê dessa afirmação.

Vejamos o diálogo:

E: Mas o senhor já ouvia contar alguma história aqui do Pega... alguma história de Trancoso... alguma história que de/ assim... a gente tenha uma indicação como foi as origens?

(...)

H61-05: **NÃO... eu num sei contá direito NÃO...** papai curvesava sobre as coisa que nós pasamo... né? ... ele dizia que/... eu num me alembro bê direito como é... (...)

mais eu inda me lembro de eu mininu vê papai dizê... **agora repare queu vô li contá aqui ãa coisa muito de pé quebrado** ... causo que mĩa cabeça num presta mais... e tõi ôta ... eu digo SÓ PUR VÊ DIZÊ... num sabe? ... pois bê... **papai dizia que...((abaixando o tom de voz))** aqui... **papai dizia que aqui ... ((olhando para os lados))** bê, eu num sei... repare quera ele que dizia... **se qué sabê mermo?...**

E: Hum hum...

H61-05: **Pois bê ((falando ainda mais baixo))...** pois repare que dizia que **aqui era uns ins-con-di-ri-jo** ... mas é como eu tô li dizeno... eu num sei e pra melhó li dizê ...**aqui tõi é gente que sabe disso... mas todo mundo nega... diz que num sabe ... que nunca uviu falá ... mas tudim sabe ... é que aqui... aqui... aqui a rente num fala nisso...É... AQUI NINGUÉM FALA NISSO... causo que foi assim que nós apredeu...** né? ...a véia mĩa avó dizia que contava ... **causo da rente sabê das ralZ** ... mais que **ninguêi nunca divia de dizê isso a forastêro...** causo que a vó dela contava que **inda hoje tõi gente procurano o povo antigo...** o pavô antigo... num sabe? ... esse povo **das antiguidade que vïero tudo se inscondê aqui...** eu inté peço que **nóis mudemo de prosa** ... causo que cê tá cum esse capturadô aí... e o que eu digo fica aprisionado... num fica? ... pois bê... rambora falá de ôta coisas... coisa... mais que ... mais que... mais que... mas que os ispitro dos mortos fique im paz... né? ... causo que se a rente fô disrespeitá a vontade dos inspitro ... que já num tão aqui ... a rente num sabe o que pode inté acontecê... tá certo?... cê num fica cum raiva deu não... mas é que aqui num se fala mermo nisso...

Fonte: SOUZA; MENDES; FONSECA, 2011, p. 46, grifos nossos.

O diálogo inicia com o entrevistador fazendo perguntas ao senhor semelhante a feita pela senhora. Inicialmente, a resposta é a mesma dada pela senhora “**NÃO...**”

---

**eu num sei contá direito NÃO**". No entanto, o discurso muda e Rd importantes podem ser interpretadas nos discursos seguintes que contribuem para verificarmos a identidade de quilombolas que esse povo tinha no período de organização do *e-book*, pois segundo o senhor: **"aqui era uns ins-con-di-ri-jo ..."; "todo mundo nega... diz que num sabe ... que nunca uviu falá ... mas tudim sabe ... é que aqui... aqui... aqui a rente num fala nisso...É... AQUI NINGUÉM FALA NISSO... caso que foi assim que nós apredeu..."**. Essa fala informa que há um acordo de silenciamento do assunto por homens e mulheres da comunidade, acordo esse quebrado pelo senhor ao falar ao entrevistador.

As construções linguísticas textuais deste quilombola são riquíssimas para interpretações, desde o conteúdo semântico como a entonação e gestos preservados pela transcrição, uma vez que, na medida que o senhor antes de começar a falar: **"inda hoje tõi gente procurano o povo antigo... o pavô antigo... num sabe? ... esse povo das antiguidade que vïero tudo se inscondê aqui..."** baixava a voz e olhava para os lados...**((abaixando o tom de voz)), ... ((olhando para os lados)), ((falando ainda mais baixo))...**

Com essas proposições enunciadas, podemos verificar a localização espacial "aqui" e a referenciação categórica se categorizando a comunidade como um esconderijo, ou seja, um quilombo. Ainda podemos interpretar o referente que categoriza como "povo antigo" os escravos que, segundo o entendimento do senhor, no ano de 2000, ainda tem gente procurando os povos escravos que se refugiaram nos quilombos de Portalegre/RN.

Por meio das interpretações podemos entender a Rd de receosos em declararem essa identidade de descendentes de escravos que vivem em uma comunidade fruto de um ato de resistência quilombola. A senhora afirma não saber, mas o senhor revela que isso ocorre porque todos sabem dos acontecimentos, mas foram instruídos pelos seus antecedentes a não informarem os ocorridos a ninguém, pois ainda existe o medo de serem caçados pelos brancos. Assim, temos uma identidade silenciada, escondida e que esse povo além de não ter prazer nesse passado ainda sente medo de serem tomados e levados novamente como escravos.

Dessa forma, entendemos que, em 2000, esse povo ainda considerava o fator simbólico da comunidade como um quilombo, onde eles se escondem e não podem

passar muitas informações para ninguém. A resposta desse senhor, também, nos faz compreender que ainda existe um traço de identidade na personalidade desse povo de escravos, pois eles ainda acreditam que se alguma pessoa obtiver informações que naquele lugar foi um quilombo, onde escravos fugidos se refugiavam, assim, podem retornar lá e os tomarem para escravos novamente. Portanto, podemos afirmar que no íntimo da identidade desses sujeitos, eles ainda se sentem quilombolas e que estão escondidos do mundo e que sua liberdade depende do seu silêncio, para, assim, preservarem sua condição de pessoas livres.

Realizamos interpretações de falas de remanescentes quilombolas no ano de 2000. A seguir analisaremos falas de remanescentes dessas mesmas comunidades 21 anos depois, no ano de 2021, no documentário “Solo negro” produzido pela UFERSA, com o objetivo de verificarmos quais Rd são construídas na formação da identidade negra e quilombola desses sujeitos 21 anos depois. Vejamos as primeiras imagens, introdutórias a essa parte das nossas análises.



**Fonte:** SOLO Negro, 2021.

Essas imagens introduzem nossos objetivos de ilustração do nosso recorte de análises de mostrar a estratégia discursiva do documentário em trazer um percurso histórico desses sujeitos em contraponto com as falas proferidas anteriormente no ano de 2000, uma vez que o documentário finaliza sua última parte com o título “Sou negro, sim”, mostrando uma importante resignificação da identidade dos remanescentes quilombolas de Portalegre/RN. Nesta perspectiva, vejamos algumas falas que constroem essas Rd e constituem a identidade de quilombolas desses sujeitos, seguindo uma sistematização de falas de pessoas mais velhas, jovens e crianças das comunidades.

### FALA DE ANTÔNIA “TOIÔ”



Fonte: SOLO Negro, 2021.

Diferente das falas anteriores proferidas pelos sujeitos no *e-book*, em que havia um silenciamento da identidade quilombola, podemos interpretar outra Rd construída por Antônia na proposição enunciado “Hoje em dia, nós somos heróis! Nós “tem” valor, minha filha. Os “quilomboles” agora”. Fala significativa, para análise dos elementos linguísticos discursivos, por exemplo, na categoria da localização temporal temos “Hoje em dia” que retoma um passado de opressão e silenciamento, mas afirma a consciência do seu lugar na história atual com as colocações “nós somos heróis!” e “Nós “tem” valor, minha filha. Os “quilomboles” agora”. Na proposição-enunciado citada, temos categorias como a referenciação “nós” e predicação “somos” seguidos por uma recategorização referencial dos quilombolas como “heróis” e que “tem valor”. Importante mostrar, novamente, a categoria de localização temporal no termo “agora”, pois ressalta, mais uma vez o período de exclusão moral, social que esses sujeitos viveram no período da escravidão e pós-escravidão. Podemos interpretar nesta fala que a identidade quilombola saiu do lugar de silenciamento e passa a ser ressignificada com características de valor e orgulho, pois ao analisarmos a imagem, observamos Antônia colocando as mãos no peito para falar que são heróis.

As proposições-enunciados seguintes “nós chega em todo canto, nós somos recebidos” (a legenda apresenta “Não”, mas no áudio Antônia diz “Nós”) e “Tenho orgulho que minha pele é segura. Aqui tem coragem”, mostram que, para a senhora, há uma mudança de paradigmas no recebimento dos negros da comunidade em

ambientes sociais diferentes, pois aos nos remetermos ao conceito de contexto proposto por Adam<sup>37</sup>, em que são os conhecimento prévios do interpretante que cria e recria os contextos, sabemos que dona Antônia e outros remanescentes quilombolas viveram uma infância de segregação racial forte na cidade de Portalegre/RN, na qual os negros temiam na zona urbana devido ao intenso preconceito e até agressões devido a sua cor da pele. Por isso que a senhora coloca a pessoa do discurso na primeira do plural, pois ela engloba todos os sujeitos da sua idade que vivenciaram esse processo doloroso. Ao final da fala, a senhora estende os braços e mostra a pele anunciando “aqui tem coragem” em que “aqui” trata-se da localização espacial relacionada a sua pele escura e a ressignifica o *status* imposto por centenas de anos pela sociedade como feia, má, desumana, para uma pele de orgulho e coragem.

Assim, por meio das análises nas falas de Antônia, temos as Rd que contribuem para a construção da identidade de um quilombola que tem valor, heroína, corajosa, orgulhosa da sua cor e aceita pela sociedade.

A mudança de paradigma em relação a essas identidades é clara em relação a fala desses remanescentes proferidas há 21 anos atrás, por exemplo, essa senhora é uma das que contribuíram com o *e-book*, mas sua identidade foi preservada pelo pesquisador devido, ao contexto ainda temeroso a perseguições e repreensões que esses povos tinham na época, como foi analisado na fala do senhor anterior.

Essa aceitação da identidade quilombola não aconteceu de uma hora para outra, nem foi por acaso ou sem lutas. As conquistas desses povos e seus representantes se deu ao conseguirem ocupar lugares sociais e, nesses lugares, continuarem lutando pelas mudanças sociais vivenciadas atualmente. Retomaremos essa discussão adiante, a seguir temos a fala de uma jovem remanescente quilombola.

#### FALA DE CREUZA DELMIRO

---

<sup>37</sup> ADAM, 2011.

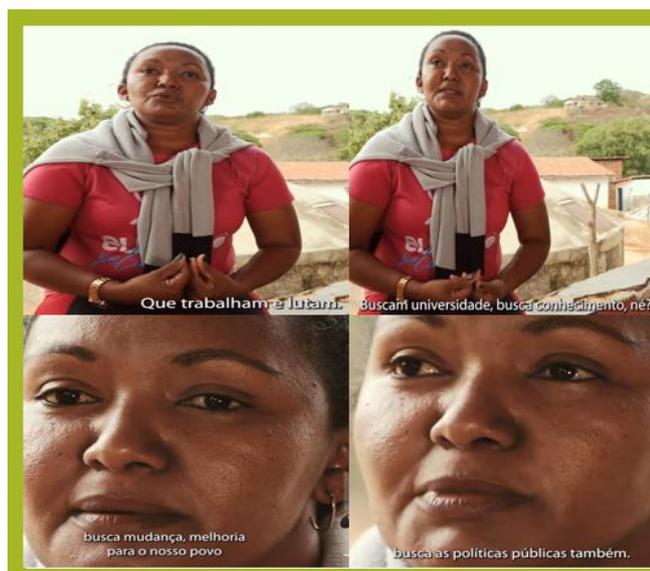


Fonte: SOLO Negro, 2021.

O dizer de Creuza mostra o lugar de fala de uma outra geração, de uma mulher e negra que mostra a dificuldade de aceitação e valorização da sua cor e da sua identidade. A construção textual “Por eu ter me conquistado” traz a interpretação do centro desta Rd, por meio do referente “eu” e a predicação com a locução verbal “ter me conquistado”, mostrando esse percurso de uma criança que vivenciou o preconceito, internalizando discursos de ódio sobre sua pele negra como inferior, mas que por meio de uma reafirmação do “ser negro”, do “ser quilombola” conseguiu conquistar a si mesmo, ressignificar a sua mentalidade implantada pela sociedade e ver por meio de outra perspectiva. Creuza deixa claro na proposição-enunciado “não é fácil [...] ser uma negra e [...] se identificar como uma quilombola”, mostrando por meio da referenciação que ainda há um caminho a percorrer de aceitação para as novas gerações se recategorizarem como quilombolas, devido ao receio de todas as marcas que essa identidade ainda pode trazer sobre eles. Por isso, há um grande esforço de políticas públicas e sociais, investimentos em cuidados, valorização, reafirmação e ressignificação dessas identidades quilombolas.

A seguir, temos a fala da jovem senhora Nilbemara Simplício que está no fluxo deste percurso de mudanças nas comunidades quilombolas, pois é remanescentes quilombola e estudante da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

#### FALA DE NILBEMARA SIMPLÍCIO



Fonte: SOLO Negro, 2021.

A fala de Nilbemara também é de um sujeito consciente das lutas de classe nas comunidades quilombolas. Nas proposições-enunciados construídas por ela, temos como principal elemento linguístico o verbo da predicação “buscar”, nos fazendo compreender uma Rd de inconformados que saem do lugar social em que vivem e buscam outras perspectivas de vida.

Nilbemara apresenta um novo posicionamento, ou seja, uma conscientização de que, por muito tempo, faltou atenção de políticas públicas que assistissem a esses sujeitos. Diante dessa Rd, temos uma identidade de sujeitos que estão saindo do lugar da passividade e agora trabalham, como sempre trabalharam, mas, também, lutam por melhorias de vida e essas melhorias vem com a luta pela busca de conhecimentos nas universidades, melhorias para o povo e lutam por políticas públicas de incentivo, valorização e cuidados para todos das comunidades. Nesta perspectiva, temos a Rd de sujeitos trabalhadores, lutadores e conscientes que podem sair da realidade e conseguir melhorias e ascensão social por meio de acesso ao conhecimento e efetivação de políticas públicas.

O verbo da predicação “buscar” é relevante para análises e reflexões, uma vez que é necessária a consciência desses sujeitos de buscar e cobrar essa assistência tão necessária às comunidades, pois o Brasil tem se mostrado lento no processo de efetivação de políticas públicas para esses cidadãos. Por meio do

conceito de contexto apresentado por Adam<sup>38</sup>, a seguir analisaremos dois decretos federais em que podemos interpretar e realizar uma reflexão sobre a lentidão nessa reconstrução das identidades desses sujeitos como remanescentes quilombolas.

Veamos um trecho do primeiro decreto e imagens de sua efetivação nas comunidades quilombolas de Portalegre/RN.

## DECRETOS DE PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO, RECONHECIMENTO, DEMARCAÇÃO E TITULAÇÃO DA TERRAS OCUPADAS POR REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE 2003 E EFETIVADOS EM PORTALEGRE/RN NO ANO DE 2023

### DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003

Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição e de acordo com o disposto no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias,

#### DECRETA :

Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.



Fonte: Diário Oficial da União (2023).

Fonte: Da pesquisa (2023).

O decreto em questão trata sobre o procedimento de demarcação, identificação e a titulação da propriedade definitivas das terras das pessoas que residem em comunidades quilombolas. Ato importante de reconhecimento e valorização desses sujeitos. Percebermos nas análises no *e-book* a tentativa de silenciamento da identidade quilombola na fala do senhor, afirmando que a comunidade era um esconderijo. Nesse sentido, podemos verificar, nas placas de identificação na entrada dessas comunidades de Portalegre/RN como quilombos, uma ressignificação das identidades quilombolas, pois nos últimos 20 nos saíram deste lugar de silenciamento para uma exposição de orgulho a ponto de aceitarem uma placa de indicação de quilombo na entrada das comunidades.

Observamos que o fato dessas placas estarem colocadas na entrada das comunidades, se trata do cumprimento de um decreto de 2003, mas que foi efetivado

<sup>38</sup> ADAM, 2011.

apenas no ano de 2023, vinte anos depois. Nesse sentido, buscamos dois decretos supracitados para realizar devidas interpretações pertinentes as nossas análises, ou seja, uma dura verificação que o caminho é lento nas efetivações de políticas públicas de assistência e valorização desses sujeitos e o posicionamento deles é de fundamental importância para que esses períodos sejam diminuídos.

O que temos atualmente é um contexto em que há uma mudança de paradigmas em curso, uma vez que muitos dos remanescentes quilombolas de Portalegre/RN já ocupam lugares sociais em que podem buscar e lutar por melhorias para todos eles, outros estão os vendo como representatividade, seguindo o caminho do conhecimento, abraçando as oportunidades de saída da realidade social em que vivem e encabeçando a causa social, buscando outros horizontes para eles, suas famílias e as próximas gerações de remanescentes quilombolas.

Vejamos o outro decreto em questão.

DECRETO Nº 11.447, DE 21 DE MARÇO DE 2023

Institui o Programa Aquilomba Brasil e o seu Comitê Gestor.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

**D E C R E T A :**

Art. 1º Fica instituído o Programa Aquilomba Brasil, no âmbito da administração pública federal, com a finalidade de promover medidas intersetoriais para a garantia dos direitos da população quilombola no País.

Art. 2º Poderão participar do Programa Aquilomba Brasil os órgãos e as entidades da administração pública federal que possuam competência para a execução de ações destinadas à melhoria das condições de vida e à ampliação do acesso a bens e serviços públicos à população quilombola no País.

Parágrafo único. O Programa Aquilomba Brasil será coordenado pelo Ministério da Igualdade Racial.

**Fonte:** Diário Oficial da União (2023).

O decreto Nº 11.447, de 21 de março de 2023 institui o programa Aquilomba Brasil e revoga o decreto Nº 6.261 de 20 de novembro de 2007 que instituiu o programa Brasil Quilombola. Mais uma vez, temos um decreto de 2007 sendo atualizado em 2023 com políticas semelhantes de assistência as comunidades remanescentes quilombolas. No ano de 2007 tinha-se uma secretaria especial de promoção da igualdade racial, hoje, no governo federal atual temos um Ministério da igualdade racial que é responsável de fazer cumprir a proposta do programa Aquilomba Brasil que tem como objetivo garantir o acesso à terra a Infraestrutura e

qualidade de vida com inclusão produtiva em função do desenvolvimento local e acesso irrestrito aos direitos e cidadania.

O que precisa dos cidadãos remanescentes quilombolas e da população em geral é engajamento e valorização das identidades quilombolas, para, assim, buscar o conhecimento da existência desses decretos e cobrar sua efetivação, para não demorar décadas a implantação das políticas públicas propostas por eles. O documentário “Solo negro” nos mostra uma mudança de perspectiva desses sujeitos um novo olhar de valorização e reconhecimento sobre a identidade quilombola, percebendo um caminho de mudança mais rápida para eles e gerações futuras.

A seguir temos fala do jovem Gabriel Bessa, discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que nos direciona, também, para esse novo olhar de reconstrução da identidade quilombola nas comunidades de Portalegre/RN.

#### FALA DE GABRIEL BESSA



Fonte: SOLO Negro, 2021.

A proposição-enunciado proferida pelo jovem ainda mostra que há preconceitos e humilhação sofridas pelas gerações atuais dos remanescentes quilombolas, mas na construção textual “mas é um orgulho, tanto para mim quanto para meus pais, dizer que sou quilombola e estou conseguindo conquistar minha educação” podemos verificar, pelo referente “um orgulho” e o referente acompanhado

pela sua predicação “Eu sou quilombola”, a Rd de orgulho de ser quilombola e que, diferente das gerações anteriores, está conquistando a sua educação.

Mesmo verificando que as falas até aqui analisadas e as Rd interpretadas com função de (re)construir a identidade quilombola desses sujeitos, não podemos negligenciar que, ainda há muito a se buscar, se conquistar e concretizar os direitos a dignidade dos quilombolas de Portalegre/RN. A necessidade do básico ainda é muito presente nestas comunidades, as representatividades em educação precisam aumentar, pois a valorização da educação ainda não alcançou níveis que as famílias acreditem na educação a ponto que muitos sintam segurança em investir na frequência contínua e permanência das crianças nas escolas. As análises mostram mudanças de paradigmas, mas muita lentidão em efetivação de direitos adquiridos por eles. Esperamos que o decreto Nº 11.447, de 21 de março de 2023 institui o programa Aquilomba Brasil e revoga o decreto Nº 6.261 de 20 de novembro de 2007 que instituiu o programa Brasil Quilombola não seja engavetado e que essa política pública prevista por ele seja efetivada e, assim, as gerações que estão chegando possam, além de ter orgulho em ser quilombola, ter acesso à terra a Infraestrutura e qualidade de vida com inclusão produtiva em função do desenvolvimento local e acesso irrestrito aos direitos e cidadania. Assim, da mesma forma como o documentário “Solo negro” se despede dos telespectadores, findamos, também, nossas análises com o brilho de esperança no olhar e a fala da criança remanescente quilombola Júlia Beatriz, em que fala sobre o futuro que queremos para todos que estão olhando para as novas gerações de sujeito dessas comunidades e do mundo.

#### FALA DE JÚLIA BEATRIZ



---

Fonte: SOLO Negro, 2021.

## CONCLUSÃO

Iniciamos as reflexões sobre este artigo a partir do objetivo, propondo analisar como as Rd contribuem na construção da identidade dos remanescentes quilombolas da cidade de Portalegre/RN no *e-book* “A fala dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil” recolhidas no ano de 2000 e verificarmos como essas identidades se apresentam 21 anos depois a partir do documentário “Solo Negro” Produzido pela UFERSA.

Em relação as Rd interpretadas no *e-book*, nossas análises apontam que o ser remanescente quilombola, desses sujeitos, no ano de 2000, são silenciadas com uma tentativa de colocar essa identidade no esquecimento, pois o fato de serem descendentes de escravos têm no seu imaginário um receio que ainda são quilombolas escondidos naquela comunidade e, se disponibilizarem essas informações, correm o risco de serem procurados pelos “brancos” e os colocarem novamente em regime de escravidão.

Ao nos direcionarmos ao documentário “Solo Negro” com falas desses sujeitos 21 anos depois, interpretamos Rd que fazem uma reconstrução dessa identidade de ser remanescente quilombola como, heróis de valor, importantes, bem recebidos onde chegam. As falas mostram também Rd de sujeitos conscientes que saem aos poucos do lugar de passividade e buscam por situações melhores para as comunidades, tendo a aquisição de conhecimentos como caminho para esse fim. Assim, observamos uma ressignificação dessas identidades que saem do lugar de silenciamento para um contexto de ter prazer em dizer que suas comunidades são quilombos a ponto de terem placas indicativas com essa informação nas entradas das comunidades.

A nossa pesquisa verificou que é lenta a efetivação das políticas públicas previstas em decretos nacionais. Portanto, há, de fato, uma necessidade de que esses sujeitos busquem o conhecimento como caminho para mudanças de paradigmas históricos e ocupem lugares sociais que possam lutar por melhorias para o seu povo. Dessa forma, será possível a saída da passividade para seres ativos, conscientes da

sua importância histórica e social, observando que são vítimas de um regime escravocrata que deixou a pobreza para as gerações seguintes.

Portanto, concluímos com o entendimento que as identidades (re)constituem, (re)formam povos, dependendo do contexto social em que vivem e viveram. Esses sujeitos saem da crença de que o contexto de escravidão que seus avós viveram por gerações ainda pode voltar e os oprimir na atualidade, para um contexto de orgulho de sua história de luta e coragem. Assim, há uma mudança de consciência dos remanescentes quilombolas de Portalegre/RN, mas com o pé no chão, sabendo que há necessidades fixadas nas famílias e muito ainda tem a se conquistar.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. O que é Linguística Textual? Trad. Suzana Leite Cortez. *In: SOUZA, Edson Rosa F. de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). Linguística Textual interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grunfeld Vilaça Koch*. São Paulo: Cortez, 2017.

DIÁRIO Oficial da União. Brasília, DF, Nº 227, sexta-feira, 21 de novembro de 2003.

DIÁRIO Oficial da União. Brasília, DF, Nº 56, quarta-feira, 22 de março de 2023.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GRIZE, Jean-Blaise. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. Introdução aos estudos culturais. *In: PASSEGGI, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro (org.). Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

PASSEGGI, Luis. A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. *In: PASSEGGI, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro (org.). Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

PASSEGGI, Luis *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. *In: LEITE, Marli Quadros; BENTES, Anna Christina (org.)*.

---

*Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil.* São Paulo: Cortez, 2010.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-251.

QUEIROZ, Maria Eliete de. *Representações discursivas no discurso político: “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães (30/05/2001)*. 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RODRIGUES, Maria das Graças S.; SILVA NETO, João Gomes da; PASSEGGI, Luis (org.). “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute; MAINGUENEAU, Dominique. *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Ecrits de linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

SOLO Negro. Direção de Passos Júnior. 1 vídeo (28 min). Mossoró: Assessoria de Comunicação da UFERSA. 2021.

SOUZA, Medianeira; MENDES, Wellington Vieira; FONSECA, Carlos Magno Viana. *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*. Mossoró: Edições UERN, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.